

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/301675214>

# Entrevista – Revista Piauí

Article · January 2016

---

CITATION  
1

READS  
335

1 author:



[Adelia Miglievic-Ribeiro](#)  
Universidade Federal do Espírito Santo

33 PUBLICATIONS 174 CITATIONS

SEE PROFILE



# Revista Clóvis Moura de Humanidades

Periódico interdisciplinar da Universidade Estadual do Piauí  
Campus Clóvis Moura

## ENTREVISTA

### *HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E SOCIOLOGIA DOS INTELECTUAIS: uma entrevista com Adelia Maria Miglievich-Ribeiro*

*Entrevistadores:  
Cristiano das Neves Bodart<sup>1</sup>  
Kamille Ramos Torres<sup>2</sup>*

*Adelia Maria Miglievich-Ribeiro* é doutora em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Sociologia pelo antigo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), atual IESP-UERJ, e graduada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde atua na graduação em Ciências Sociais, nos Programas de mestrado em Ciências Sociais (PGCS) e mestrado e doutorado em Letras. É bolsista-produtividade CNPq. Suas pesquisas concentram-se sobretudo nas seguintes temáticas: i) Sociologia dos Intelectuais; ii) História das Ciências Sociais; iii) Pensamento social latino-americano; iv) em Teoria Crítica e v) Estudos pós-coloniais. Na presente entrevista realizamos um breve diálogo com a professora Dr<sup>a</sup>. Adelia Maria Miglievich-Ribeiro buscando tratar, ainda que de forma breve, as temáticas “História das Ciências Sociais” e “Sociologia dos Intelectuais”.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Docente da Faculdade Novo Milênio (FNM). E-mail: [cristianobodart@hotmail.com](mailto:cristianobodart@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda em Administração pela Faculdade Novo Milênio (FNM). E-mail: [kamillertorres@gmail.com](mailto:kamillertorres@gmail.com)

**RCMH:** Qual a importância em estudar a História das Ciências Sociais?

**MIGLIEVICH-RIBEIRO:** Toda a importância. Descobrimos através dela que estamos imersos numa comunidade que nos ultrapassa. Aprendemos que a ciência é produto de gerações, de embates e alianças em nível mundial e que traduzem séculos de trabalho e dedicação de muitos até que a dita ciência venha à tona. Percebemos que não há agência humana sem estruturas sociais e que não há estrutura social sem agentes humanos: a ciência é sua síntese. Conseguimos escapar da armadilha individualista e ainda quando elegemos personagens emblemáticos na formação das ciências sociais, estes estão enredados em mil outras histórias que nos cabe decifrar. Em se pensando as ciências sociais como “modernas”, verificamos nelas também a história da modernidade. A história das ciências sociais nos obriga a examinar histórias de construção de nação, de ideologias, de poder, de crenças, da filosofia, todos construtos humanos não totalmente conscientes, mas que esta área de estudo ajuda a desvelar paulatinamente. Em suma, aprendemos que as ciências sociais não nasceram quando nós individualmente nascemos – já existem na história dos homens e das mulheres que precede cada um de nós - e este aprendizado é concomitantemente de humildade e de responsabilidade: passamos a participar delas como sujeitos levando em conta, porém, hierarquias no campo que são, também, geopolíticas. O impacto molecular do ingresso de cada qual na história (da ciência) somente saberão as gerações futuras se empenhos individuais se metamorfosearem em esforços coletivos regulares.

**RCMH:** A Sociologia, uma das Ciências Sociais, teve no Brasil uma presença intermitente no ensino secundário, limitando-se durante anos ao antigo magistério (sob as siglas de Sociologia Geral e Sociologia da Educação, uma, respectivamente, opcional e outra obrigatória. De que forma isso foi sentido na academia, onde ela se manteve presente desde os anos de 1930? Isso trouxe dificuldades para a institucionalização dessa ciência na universidade?

**MIGLIEVICH-RIBEIRO:** Embora tenha havido nos anos 1930 a ligação entre os primeiros cursos universitários de ciências sociais e a formação de professores para o nível secundário, a comunidade de cientistas sociais no Brasil, através de suas comunidades científicas, sistemas de pós-graduação e mercado editorial angariou uma autonomia em relação à educação básica. É um fato a exigir nossa atenção, mas é verdadeiro que a institucionalização das ciências sociais se deu no Brasil à revelia da valorização do ensino de sociologia na escola. Isto guarda, provavelmente, relações com uma concepção de universidade e de ciência não engajadas, ao menos em períodos históricos específicos pois devemos nos recordar que tivemos, noutras contingências, eminentes sociólogos que pensaram com muita seriedade a educação no Brasil, em seus diferentes níveis. Realisticamente, o fosso entre a sociedade em geral e a produção de conhecimento nas ciências sociais ainda é grande. Poucas obras com grande circulação da comunidade dos pares, mantendo-se referências obrigatórias na quase totalidade dos currículos dos cursos de ciências sociais, são palatáveis ao brasileiro médio. O paradoxo é que as ciências sociais no Brasil se encontram institucionalizadas e há números estatísticos que atestam este êxito, no entanto, continuamos irrelevantes para a maioria dos brasileiros. De um lado, há de se pensar sobre a escolaridade do brasileiro médio, de outro, qual ciência social produzimos e para quem. Não se nega que algumas ideias nascidas nas ciências sociais se recompõem e informam o debate público, mas isto ainda se dá incipientemente.

**RCMH:** No Brasil, a origem da Sociologia nos primeiros centros acadêmicos parece ter tido forte influência da Sociologia Francesa, sobretudo pelo fato dos primeiros professores terem essa nacionalidade. É conhecido os esforços de Florestan Fernandes para o desenvolvimento de uma “Sociologia brasileira”. Que outros intelectuais podemos agregar em torno desses esforços e como teriam colaborado para esse desenvolvimento?

**MIGLIEVICH-RIBEIRO:** Florestan foi alvo de contundente crítica de Guerreiro Ramos, numa fase específica, justamente por traduzir ainda pouco a ciência social sob a alcunha de “universal” a luz das especificidades da realidade brasileira. Eu destaco, pois, como pioneiro na proposta de uma sociologia brasileira, mais do que Florestan Fernandes, seu interlocutor crítico: Guerreiro Ramos. Antes de Guerreiro, sublinho ensaístas como Manoel Bomfim, até mesmo por que a cisão entre “ciência” e “pré-ciência” (traçada, sobretudo, pela USP) é hoje pouco crível. Cito Mariza Peirano que em “Antropologia no Plural” nota muito mais continuidades entre ensaístas e sociólogos formados nas universidades do que descontinuidades. Meus estudos mais especificamente, obrigam-me a lembrar também de Darcy Ribeiro em seu compromisso em pensar uma ciência social brasileira e, por que não dizer, latino-americana. Curiosamente, descobri que há uma sociologia (e não apenas uma economia) em autores expoentes da escola dependentista que, por sua vez, têm espectros ideológicos diversos. Falo, por exemplo, do “sociólogo” que também foi Ruy Mauro Marini. Dentre os paulistas, há vários que, aos poucos, se moveram para garantir uma originalidade de análise. Creio que Maria Isaura Pereira de Queiroz é um nome que não se deve esquecer. A par dela, temos Octavio Ianni e, também, Maria Sylvia Carvalho Franco. Lamento que hoje, mais do que ontem, nossos cientistas sociais estejam mais modestos em “anabolizar” antropofagicamente o conhecimento produzido alhures e torná-lo uma compreensão nova dos processos humanos a partir do Sul do globo. Importa registrar: jamais para ressuscitar paroquialismos mas para se expandir e se enriquecer a compreensão do “universal”.

**RCMH:** Dentre os intelectuais que a senhora tem se dedicado nos parece ser o saudoso Darcy Ribeiro. As contribuições intelectuais de Darcy Ribeiro foram mais significativas para a Sociologia ou para a Antropologia?

**MIGLIEVICH-RIBEIRO:** Tais contribuições ainda estão em processo de

descoberta e torço para que mais cientistas sociais se permitam este trabalho. Darcy Ribeiro completou seu curso de ciências sociais na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) e, depois disso, se tornou, no melhor sentido do termo, um autodidata em que pesem vínculos ocasionais com algumas universidades. Ele deixa de ser um quadro acadêmico e cria uma trajetória pessoal absolutamente original. Darcy Ribeiro passa a fundar instituições, tal como a primeira pós-graduação em Antropologia no Brasil no Museu do Índio, bem antes do PPGAS, no Museu Nacional. É o mentor da UnB, não se pode esquecer. Sua paixão pela política o desvia, como disse, de uma convencional carreira acadêmica, ainda que esta tendência tenha sido típica de sua geração de intelectuais *mannhiemianos*. Florestan Fernandes também abraçará a política, sabemos. Porém, Florestan tem seu nome fortemente vinculado a um departamento universitário e isto permite que não se conteste sua condição de um intelectual acadêmico. O mesmo não acontece com Darcy Ribeiro, prejudicando até hoje a recepção de seus escritos quer na Antropologia quer na Sociologia, uma injustiça epistemológica a meu ver. Darcy Ribeiro, exilado depois de ter sido chefe da Casa Civil de João Goulart, dedicou-se a escrever seus “Estudos de Antropologia da Civilização” que se iniciam com “O processo Civilizatório” onde narra a história de 10.000 anos da humanidade inserindo de modo inédito a Ibéria, as Américas, a África, publicado, pela primeira vez em 1968, e encerra sua obra de 30 anos de vida, já no Brasil, em 1985, com a publicação de “O povo brasileiro”. Neste período, escreveu também “As Américas e a Civilização”, “Os índios e o Brasil”, “O dilema da América Latina”, dentre outros. Há alguns equívocos que faz Darcy Ribeiro ser (mau) julgado antes de ser lido por seus potenciais pares: seu veio marxista, seu apelo ao multievolucionismo, seu afastamento do culturalismo. Entendo isto como equívocos de (não)leitura. Darcy Ribeiro, se marxista, é extremamente heterodoxo. Eis que não participou, exceto por um período curtíssimo na juventude, do partido comunista, saindo antes de ser expulso. Seu legado “evolucionista” é retrabalhado como um multievolucionismo

não linear, logo, não é mais “evolucionismo”. Seu método é, em verdade, dialético. Darcy admitiu ainda o mérito do culturalismo que permitiu que se evidenciasse a não superioridade ou inferioridade entre culturas, apenas é crítico ao relativismo como homem de seu tempo. Quando trabalha com a ideia de processos civilizatórios não escapam de sua visão as resistências havidas, mas seu foco é a potência de alguns processos sobre outros e como isto nos fez chegar ao que somos hoje. Não há elogios da parte de Darcy às sociedades avançadas euro-setentrionais, ao contrário, mas há o reconhecimento de sua força de maneira que temas como colonialismo, colonialismo interno, imperialismo, sub-imperialismo podem ser detectados de seus estudos. Sua aposta no Brasil comprova que não há subserviência a qualquer meta civilizatória alheia da parte de Darcy Ribeiro.

**RCMH:** Darcy Ribeiro esteve presente na política partidária. Essa questão nos remete as discussões proposta por Max Weber de 1920, “Ciência e Vocação” e “Política e Vocação”. Sua inclusão na vida política impactou sobre sua colaboração intelectual?

**MIGLIEVICH-RIBEIRO:** Darcy Ribeiro tinha desde a juventude a paixão que o acompanhou por toda a vida. Conta que se sentia, porém, desconfortável no partido comunista, alvo de desconfianças por seu pensamento livre, e se sentia igualmente constrangido na ELSP, por pertencer ao Partido Comunista. Ele vai viver 10 (dez) anos entre os índios no interior do Brasil e lá sua missão não é, em absoluto, político-partidária. Mas, reitero, ele se dizia um homem de ideais coletivos, e isto era para ser o que chamamos política. Ele chega a João Goulart por seus ideais, não por lutas intestinas em partidos. É convidado pelo educador Anísio Teixeira e acaba sendo incumbido de “fazer a UnB”. Aprende muito sobre política nesses tempos, sem dúvidas. Fracassa. Este sentimento é dele. Com o Golpe, continua sonhando e realizando no exílio. A par da intensidade com que escreve, seu nome, de farta repercussão na América Latina por seu projeto da UNB, leva-o a trabalhar em diversos

países em que se criam ou se reformam seus sistemas universitários em perspectiva progressista e de autonomia nacional. Ao voltar ao Brasil, enfim, anistiado, ingressa no PDT de Brizola. O político, porém, sempre foi o Brizola, também, o líder carismático. Darcy Ribeiro compõe chapas ora vitoriosas ora não com Leonel Brizola de maneira que adere ao “trabalhismo”. Tento dizer, entretanto que, embora se auto proclame “homem de partido” e o tenha sido - chegou a Senador da República, sabemos - não é o político de Weber - menos ainda o cientista, por certo. É com Mannheim, aqui já citado, que consigo explicá-lo como membro de uma *intelligentsia*, como intelectual público. É o intelectual mannheimiano – também não o gramsciano – que vai lutar contra um câncer devastador até o último dia de sua vida em prol de um outro Brasil possível. Também é como membro de uma *intelligentsia* nacional que Darcy Ribeiro foi capaz de pensar precocemente a educação e a cultura aliadas, desde os CIEPs ao Sambódromo, no Rio de Janeiro. Nenhum dos projetos como recursos de “alienação” do povo, mas como exaltação da cultura popular visando ao diálogo simétrico com os saberes formais. Não estamos, portanto, falando do cientista weberiano que se omite das consequências diretas de sua produção intelectual nem do político típico tratado por aquele autor.

**RCMH:** Em dois artigos (2006; 2014), a senhora discute o pensamento de Darcy Ribeiro sobre a “universidade necessária” como utopia. Em síntese, como a senhora avalia a proposta de Darcy Ribeiro à luz da “realidade” brasileira atual?

**MIGLIEVICH-RIBEIRO:** A validade dos argumentos de Darcy Ribeiro sobre a UnB que é, nos inícios de 1960, a “universidade necessária” precisariam ser reexaminados à luz das circunstâncias hoje. Muitos cairiam por terra não por inconsistência, mas por inexequibilidade. A “universidade necessária” é pensada numa sociedade que caminharia para construir seu Estado do Bem-Estar Social. Também se daria numa sociedade nacional cuja meta do desenvolvimento não era

modesta: ela quer deixar de ser mera exportadora de matérias-primas (atualmente commodities) e produzir ciência de ponta. Este não é o caminho hoje, sabemos. Noutros aspectos, a universidade necessária projeta uma ligação de origem com a educação básica, tema que já abordamos. É ainda um palco cultural com ênfase à integração latino-americana. Há inúmeros pormenores – nada negligenciáveis – na estrutura e no funcionamento da “universidade necessária” que possibilitam que a ela tivessem acesso os futuros quadros da ciência do país e lideranças empresariais (é verdade, quer-se construir outra burguesia nacional nela uma vez que o Brasil nunca teve uma burguesia verdadeiramente nacional), por intermédio de medidas de incentivo (ações afirmativas) para que pudessem ser buscados em todos os segmentos sociais, ou seja, talentos não se perdem. Entretanto, não seria uma universidade de “elite”, contemplaria, também, o “estudante-trabalhador”, o chefe de família e todo aquele que busca no estudo universitário outros objetivos, a saber, ascender em seu emprego, melhores chances de vida para si e para os seus, abrir horizontes culturais. Homens e mulheres que não querem ser líderes de pesquisa e não podem estar “presos” eternamente na burocracia universitária para se titularem. Ainda assim, há uma base comum que asseguraria a todo estudante universitário um caminho multidisciplinar de formação assim como haveria a exigência da fusão entre trabalho intelectual e trabalho braçal, algo como, todo futuro médico iniciaria sua prática hospitalar como assistente de enfermagem ou todo futuro engenheiro começaria seu estágio como técnico eletricitista. Darcy Ribeiro pensa a universidade pública, gratuita e de qualidade. Dificilmente, ele entenderia o projeto educacional que se forja no Brasil de décadas para cá, ou melhor, entenderia e não aprovaria.

**RCMH:** Professora, em nome da Revista Clovis Moura de Humanidades e de seus leitores, agradecemos pela entrevista concedida e pela atenção dispendida.

**MIGLIEVICH-RIBEIRO:** Vamos estudar mais, sempre, em que pesem todos os

constrangimentos. Não vamos desistir de quem podemos ser. Repito o apelo de Darcy Ribeiro aqui. Obrigada pela interlocução.